

BETAR & ARTES LETRAS

#185 | FEVEREIRO | 2026

Pedro Casqueiro

Detour: exposição sobre um artista
que desafia convenções

B
Betar

B | Desde 1973 na vanguarda da engenharia



Hyatt Andaz Satellites - Edifício C5

FICHA TÉCNICA

Proprietário e Editor: **Grupo BETAR**
Sede: **Av. Elias Garcia nº 53, 2º Esq. 1000-148 Lisboa**
Direção: **José Tiago de Pina Patrício de Mendonça**
Redatora: **Cátia Teixeira**
Design: **Jonas Reker**



Em fevereiro não faltam boas propostas culturais. O MACAM, o mais recente museu de arte contemporânea de Lisboa, divulga a mostra “Eu como Múltiplo”, que reúne obras de artistas que exploram as noções de corpo, identidade e percepção. No Museu de Lisboa a proposta passa por uma viagem por “Crónicas de uma Lisboa Desconhecida”, através de quase uma centena de obras. Já o MAAT apresenta uma exposição retrospectiva de Pedro Casqueiro, que reúne 80 pinturas.

O Teatro Variedades apostou na peça “O Piloto Americano”, que explora a forma como o mundo vê os EUA e como os EUA veem o mundo; na Culturgest será apresentada “Prendre soin/Cuidar”, sobre trabalhadores de uma fábrica que se vão conhecendo a cada turno; e na Barraca “Deitemos Água Pouca em Muito Fogo” aborda uma parte da obra de Luís de Camões.

Na música, Fernando Tordo sobe ao palco do Teatro da Trindade; Os Quatro e Meia apresentam-se na Meo Arena; no Casino Estoril a Orquestra Sinfónica Lords of the Sound apresenta um novo programa do Senhor dos Anéis; Michelle Gurevich regressa a Portugal e promete encher o LAV; e sob a direção do maestro Jan Wierzbka, a Orquestra Sinfónica Portuguesa invocará a atmosfera dos grandes bailes de Carnaval. Por fim, o Cinema Media Nimas tem em exibição uma Integral de João César Monteiro, em cópias restauradas.

A personalidade convidada para a entrevista desta edição foi o Arquiteto Andreas Mörschel que tão bem nos recebeu para falar um pouco da sua atividade.



Maria do Carmo Vieira

editor convidado

BETAR

Destinado a unidade hoteleira de 4 estrelas, o edifício C5 integra um conjunto de quatro edifícios denominados Hyatt Andaz Satellites, na Baixa Pombalina, que serão objeto de uma intervenção de reabilitação



A intervenção no edifício C5 contempla o reforço estrutural, dimensionado através de uma análise pushover, visando aumentar a sua resistência ao sismo. O edifício existente pertence à 1ª geração de edifícios da época pombalina, desenvolvendo-se em piso térreo, 5 pisos elevados e sótão em águas-furtadas, com cobertura de quatro águas. Os 2 últimos pisos corresponderão a um acréscimo em relação à construção original, assim como o piso parcial em cave. A intervenção proposta, que contempla a manutenção da maior parte do dispositivo estrutural, pretende melhorar as condições de segurança do edifício, adaptando-o às necessidades e padrões de exigência do programa hoteleiro, através da introdução de novas infraestruturas; reforço das fundações com microestacas; reforço das paredes exteriores e interiores, incluindo reforços para abertura de novos vãos.

Hyatt Andaz Satellites – Edifício C5

Projeto: 2021/2025

Obra: em curso

Área: 1.680 m²

Dono de Obra: Real Added Value PN

Arquitetura: Mörschel Arquitectos

Especialidades: Demolições e Fundações e Estruturas

À CONVERSA COM



Arq. Andreas Mörschel

“Os meus projetos são todos diferentes, deixo-me influenciar pelo lugar, pelo enquadramento, pelo programa, pelas necessidades e objetivos. Fazer coisas diferentes não é aborrecido”

ARQ. ANDREAS MÖRSCHER

É alemão, mas a sua prática está enraizada em Lisboa. Como é que isso aconteceu?

A minha formação começou em Estugarda, num ambiente muito marcado pela ligação clássica entre a conceção do projeto e o sistema construtivo. Depois tive um período determinante na FAUP, no Porto, onde a linguagem essencial do projecto era o desenho. Portugal tornou-se a minha base profissional no final dos anos 1990 e, em 2009, fundei a Mörschel Architectos em Lisboa. Essa combinação, método e precisão, com inteligência urbana e cultura de contexto, continua a ser a base do nosso trabalho.

Como define a forma de pensar e fazer arquitetura?

Fazemos arquitetura para contextos exigentes e muito diversificados, tanto em termos de tipologia como na linguagem arquitetónica: um hospital, um pavilhão desportivo, uma casa em paisagem sensível, uma reabilitação em edifício classificado, um hotel com requisitos de marca internacional.

A nossa abordagem depende tanto do desenho como do controlo do processo. Estamos focados em combinar ambição arquitetónica, disciplina técnica e capacidade de coordenação até ao detalhe de obra.

Hoje fala-se muito de “conceito”. Qual é, na prática, o vosso ponto de partida?

A nossa obsessão é clareza: espacial, construtiva e de decisão. Um conceito que não resiste a estas diferentes camadas

e condicionantes não é arquitetura, é apenas um conceito. O nosso trabalho é transformar essas restrições numa solução clara, coerente e executável, e garantir que o edifício construído mantém a intenção e a qualidade que estavam no início. O nosso “estilo” é método: ler bem o problema, tomar decisões cedo e coordenar com rigor para que o resultado construído esteja à altura do que foi prometido: desde a estruturação das decisões, quem decide o quê e quando; passando pela articulação dos diferentes intervenientes, arquitetura/engenharias/interiores/operador; até à documentação e revisão com disciplina.

Não é glamour, é gestão técnica. Mas é isso que protege a arquitetura.

Dê um exemplo concreto de uma decisão de projeto que muda tudo.

No Pavilhão João Rocha, a decisão foi reduzir ruído e focar o essencial: o jogo como espetáculo. Isso conduziu a uma estratégia espacial e material muito controlada, menos distração visual, mais concentração na experiência do campo e das bancadas. Esse tipo de decisão simples, mas radical, cria coerência e reduz erro ao longo de todo o desenvolvimento.

Pode dar um exemplo de uma decisão “pouco visível” que tem impacto enorme, sobretudo em hotelaria?

A estratégia de distribuição técnica e a lógica de operação. Como se resolvem os percursos principais, como se asseguram as infraestruturas sem “esmagar” o pé-direito,



Pavilhão João Rocha

o isolamento sonoro, os acessos para manutenção sem entrar em áreas sensíveis, a organização do back-of-house. São temas pouco fotogénicos, mas são o que define a experiência do hóspede, a eficiência do operador e a durabilidade do investimento. A arquitetura séria começa aí.

Antes dos projetos hoteleiros, esteve envolvido em grandes PPP hospitalares. Como surgiu essa oportunidade e que impacto teve no seu percurso em Lisboa?

Em 2004 recebi um convite para integrar um consórcio no âmbito das PPP hospitalares (Cascais, Braga, Vila Franca de Xira e Loures) e com consultoria da HOK. O promotor tinha uma ambição clara de desenvolver projetos de referência e o processo foi conduzido com uma forte componente de investigação, envolvendo uma equipa multidisciplinar, médicos, engenheiros, arquitetos e especialistas: Design follows function. Vencemos dois concursos, o Hospital de Braga e o Hospital de Vila Franca de Xira.

Trabalham com equipas internacionais muito orientadas para o design, sobretudo em interiores. O que é exigente nesse tipo de colaboração?

Exigente é transformar visão em realidade sem perda e sem conflito entre disciplinas. Quando colaboramos com estúdios como Patricia Urquiola, Lázaro Rosa-Violán ou

Jacques Grange, o nosso papel é proteger a intenção do design e, ao mesmo tempo, torná-la compatível com estrutura, MEP, incêndio, acústica, requisitos do operador e condicionantes do edifício existente. No fim, o cliente não avalia “o conceito”: avalia o resultado construído, a operação diária e a qualidade que se mantém ao longo do tempo.

Qual é o papel da engenharia naquilo que chama “arquitetura com controlo”?

A engenharia é parte do resultado arquitetónico. Em contextos densos e em reabilitação, o que parece detalhe, cargas, reforços, passagens técnicas, compatibilização com elementos existentes, faseamento de obra, determina o que é possível. Uma boa relação entre arquitetura e engenharia cria liberdade, porque reduz incerteza e aumenta controlo. Quando a coordenação é rigorosa, a arquitetura consegue ser mais clara e mais ambiciosa, precisamente porque assenta numa base técnica sólida.

Como olha para o futuro do atelier?

Não crescemos para parecer maiores. Crescemos quando há pipeline e quando conseguimos manter qualidade e controlo. Preferimos crescimento orgânico e sustentável: mais capacidade, mais método e melhores projetos, sem perder disciplina.

ARTES



O eu como múltiplo

Esta exposição apresenta obras de artistas portugueses e estrangeiros que, através de diferentes linguagens da arte contemporânea, exploram as noções de corpo, identidade e percepção. Recusando a ideia de um “eu” único e imutável, a mostra propõe um pensamento em torno das questões ontológicas do que significa ser, existir e a forma como nos apresentamos ao outro, através de pintura, fotografia, instalação e escultura. São apresentadas obras de Ana Vieira, Helena Almeida, Horácio Frutuoso, John Baldessari, José Pedro Croft, Juan Muñoz, Júlia Ventura, Vik Muniz, Yu Nishimura, entre outros.

ATÉ 4 DE MAIO

MACAM - Museu de Arte Contemporânea, Lisboa

ARTES

Crónicas de uma Lisboa Desconhecida

Uma viagem sobre os espaços, os tempos e os habitantes de Lisboa, através de quase uma centena de obras das reservas do Museu de Lisboa, é a proposta desta exposição. O percurso, com início no Terreiro do Paço, onde se recordam proezas aeronáuticas, passa, entre outros locais, pelo primeiro bairro ilegal da capital e pela primeira Feira Popular, para terminar no Campo das Cebolas. Peças excecionais, que têm sido conservadas longe do olhar dos visitantes, algumas totalmente inéditas. “Crónicas de uma Lisboa Desconhecida” conta histórias singulares numa viagem por outras Lisboas. **ATÉ 22 DE MARÇO**



Museu de Lisboa - Palácio Pimenta, Lisboa

Em fevereiro não faltam boas propostas culturais. São várias as peças de teatro, concertos e exposições que preenchem os dias frios de Lisboa e do Porto

ARTES



Pedro Casqueiro – Detour

Em 1980, a pintura de Pedro Casqueiro afirmou-se pela energia de cor e composição, pela indiferenciação entre não-figuração e figuração, entre imagem pintada e utilização da palavra escrita, e por uma permanente sabotagem dos pontos de vista, das hierarquias e dos materiais.

Posteriormente, as texturas, as linhas mais ou menos livres que rodeavam cores fortes, foram substituídas por imagens quase gráficas, com linhas claras delimitando cores suaves ou surdas, criando padrões (sempre irregulares), letras que ocupam toda a superfície e compõem textos neutros ou sentenças ambíguas e ainda espaços de arquitetura modernistas sabotados por erros propositados.

Esta é uma exposição retrospectiva que reúne 80 pinturas, produzidas por Pedro Casqueiro, desde a década de 80 do século passado até 2025. **ATÉ 6 DE ABRIL**

MAAT - Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia, Lisboa

TEATRO



O Piloto Americano

Um avião militar despenha-se num vale remoto de um país distante. Os locais acolhem o piloto ferido e discutem o seu destino. O Piloto Americano explora a forma como o mundo vê os Estados Unidos e como os Estados Unidos veem o mundo. David Greig aborda assuntos políticos, globais, que estão na ordem do dia (e já passados quase vinte anos!), dando-nos vivacidade formal, alegorias e símbolos que aprofundam o que quer transmitir. Sempre com clareza e precisão intelectual e nunca se furtando ao essencial: contar-nos uma história.

ATÉ 1 DE MARÇO

Teatro Variedades, Lisboa

TEATRO

Prendre soïn/Cuidar

Quatro trabalhadores encontram-se para o turno da noite numa fábrica de transformação de carnes. São auxiliares de limpeza de uma agência de trabalho temporário, com contratos precários. Todas as noites, limpam as instalações da fábrica. A cada quatro horas, fazem uma pausa. Bebem chá ou café. Leem revistas. Conversam. Quando o dia amanhece, voltam para casa ou seguem para outro trabalho. O ciclo repete-se, noite após noite. No início não se conhecem, mas lentamente algo muda... Em francês com legendas em português e inglês.

DE 26 A 28 DE FEVEREIRO



Culturgest, Lisboa

TEATRO



Deitemos Água Pouca em Muito Fogo

A Poesia de Luís de Camões foi o melhor que ele nos legou. Nesta peça, A Barraca aborda uma parte da obra do poeta que ainda não tinha trabalhado, estimulando o público a amá-lo, através do cruzamento da sua obra com o que por ela sentem

os poetas nossos contemporâneos.

É nos poemas líricos, nas Canções e sobretudo nos Sonetos - forma lírica de maior prestígio, cultivada por Dante e Petrarca, em que todo o grande poeta tinha de se por à prova - que o nosso poeta fala de si, tal como fizeram Ovídio e outros poetas latinos. Foram selecionados excertos da Canção X como hipotética moldura de vida do poeta. História de vida, talvez muitas vezes inventada, e que a curiosidade, os séculos e o silêncio da História transformaram em realidade.

DIAS 13 E 14 DE FEVEREIRO E 4 DE MARÇO

A Barraca – Teatro
Cinearte, Lisboa
Direção Artística, Criação e
Dramaturgia: Maria do Céu
Guerra
Composição Musical e
Interpretação: Maestro
António Vitorino d'Almeida
Com: Maria do Céu Guerra,
Sérgio Moras, Rita Lello,
Gil Filipe, Vasco Lello, Érica
Galiza, Manuel Petiz, Maria
Baltazar



Fernando Tordo – 60 Anos de Canções

DIA 10 DE FEVEREIRO NO TEATRO DA TRINDADE, LISBOA

Este não é apenas um concerto, é uma celebração rara: um encontro entre a história e o presente, entre o artista e o público que o acompanha, entre a canção e aquilo que ela desperta em cada um de nós. Uma noite para ouvir, sentir, recordar... e celebrar um património vivo da música portuguesa.

Os Quatro e Meia

DIAS 13 E 14 DE FEVEREIRO, NA MEO ARENA, LISBOA

Quis o destino que os Quatro e Meia e o público tivessem um reencontro no Dia dos Namorados. Coincidência? Certamente. Irrelevante? Não, de todo. Será certamente uma oportunidade única para explorar o amor, num concerto onde não faltarão os temas mais conhecidos mas também novidades.



O Senhor dos Anéis em Concerto

DIA 16 DE FEVEREIRO NO CASINO ESTORIL

A Orquestra Sinfónica Lords of the Sound apresenta um novo programa musical fantástico. Das melodias alegres dos hobbits aos sons sinistros de Mordor, a trilha sonora vencedora do Óscar de Howard Shore escrita para “O Senhor dos Anéis” soará com nova força, criando uma atmosfera inesquecível.



Michelle Gurevich

DIA 19 NA CASA DA MÚSICA, PORTO, E DIA 21 NO LAV, LISBOA

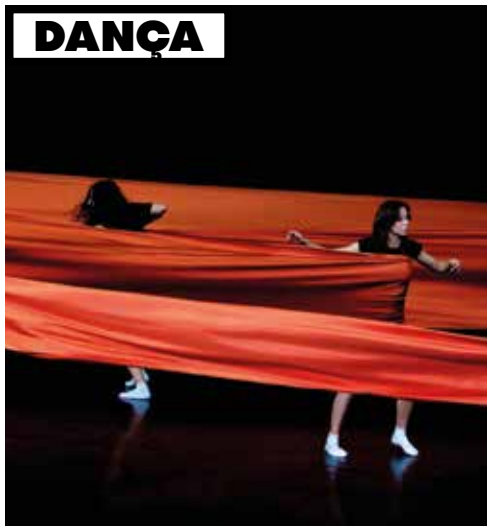
Bem conhecida do público português, Michelle Gurevich regressa para apresentar “It Was the Moment”, um dos seus trabalhos mais crus e expressivos. O disco reforça a sua posição entre os grandes chansonniers dramáticos, explorando temas como a paixão, a efemeridade dos encontros, a perda e o colapso interior.



Baile de Carnaval

Este programa recriará a elegância dos salões de baile europeus do século XIX, em particular a tradição vienense que moldou a identidade cultural da família Strauss. Sob a direção do maestro Jan Wierzbza, a Orquestra Sinfónica Portuguesa invocará a atmosfera dos grandes serões de sociedade nos quais a aristocracia e, mais tarde, o público burguês abraçou a valsa e a polca como símbolos da moda, refinamento e celebração. Johann Strauss II, o “Rei da Valsa”, ocupa um lugar central no programa. O brilho da abertura Die Fledermaus, o charme melódico de Rosen aus dem Süden, as cores vibrantes de Im Krapfenwaldl e o humor de Perpetuum mobile revelam o dom do compositor para transformar a música de dança numa arte com alcance internacional. **DIA 14 DE FEVEREIRO**

DANÇA



Miet Warlop - Inhale Delirium Exhale

Depois de ONE SONG, a artista belga Miet Warlop cria uma ode à imaginação — uma onda de maravilha e prazer. Neste espetáculo, Warlop procura tornar tangível a turbulência interior do processo criativo. Acompanhadas por um grupo de intérpretes e por mais de 4000 metros de seda, imagens irrompem, impulsionadas pela música dos DEEWEE, numa coreografia que se desdobra como um concerto ritual — uma performance simultaneamente poética e poderosa, impregnada de ironia. Um mergulho profundo num universo visual tão imersivo quanto avassalador — no delírio que nasce entre uma inspiração e a seguinte.

DIAS 27 E 28 DE FEVEREIRO

Teatro Municipal do Porto

DANÇA

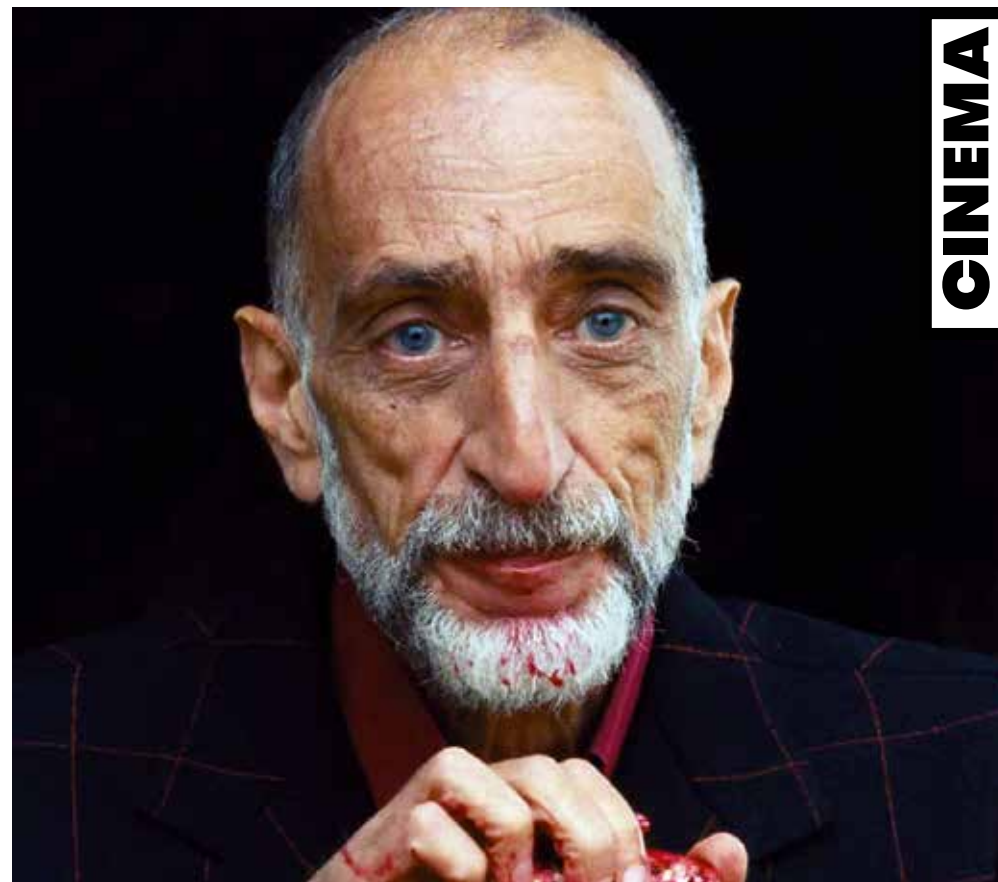
Wonderlandi de Lander Patrick

Ao longo dos tempos, os poderes políticos, as instituições religiosas e os movimentos culturais e ideológicos têm explorado a música como um poderoso vetor de difusão de mensagens e para despertar emoções. Mas a música também tem esse efeito agregador na natureza e está presente nos rituais de acasalamento das aves, na comunicação das baleias, na coordenação das abelhas. A música é capaz de nos hipnotizar, de ativar estados de espírito e de incitar à ação. Wonderlandi pretende evocar o poder da música, a sua omnipresença na natureza. **ENTRE 5 E 7 DE FEVEREIRO**



Culturgest, Lisboa

CINEMA



Integral de João César Monteiro

Agora que os filmes de João César Monteiro estão todos digitalizados, num trabalho levado a cabo pela Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema, é o tempo certo para que os espectadores portugueses possam voltar a ver nas salas, em cópias restauradas, esta obra extraordinária, ferozmente livre e de uma coragem artística ímpar, de um cineasta singular e iconoclasta, que marcou sobremaneira a arte portuguesa no último meio século. E, sobretudo, para que uma nova geração possa descobrir a sua obra “incandescente”. Parafraseando Manuel Gusmão, poeta e amigo de César: “voltemos a estes filmes como quem tem a certeza que lhe trarão a incorruptível alegria de uma “inóspita beleza”...

A programação pode ser consultada aqui: <https://medeiafilmes.com/ciclos/ciclo-integral-joao-cesar-monteiro> **ATÉ 11 DE FEVEREIRO**

Cinema Medeia Nimas,
Lisboa

MOÇAMBIQUE

MÚSICA

Festival Solo de Xigubo Centro Cultural Municipal Ntsindza, Maputo

Numa celebração única da dança, da música e da energia moçambicana, onde o swing encontra as raízes de África, 10 finalistas irão disputar a grande final do Festival Solo do Xigubo, enquanto grupos convidados encantam o público com apresentações desta emblemática dança tradicional. O Xigubo é um “desfile guerreiro de origem zulu”, praticado em fileiras paralelas por homens adornados com peles e colares — símbolo da resistência colonial no sul de Moçambique. A Associação Cultural Hodi Maputo Afro Swing é um agrupamento cultural que pretende preservar e disseminar a cultura e arte moçambicanas. **DIA 28 DE FEVEREIRO**



MÚSICA



The Music Set e Love Experience Anfiteatro da Casa dos Bicos, Beira, e Centro de Conferências Joaquim Chissano, Maputo

Quando o gigante se encontra, a história começa... No dia 13, no Anfiteatro da Casa dos Bicos, Kabza de Small irá proporcionar um “The Music Set” épico! Uma experiência musical única, energia sem limites e a vibe que só quem vive, entende. Kabelo Petrus Motha, mais conhecido como Kabza de Small, é um DJ, produtor musical e uma figura importante da música house.

Já no dia 14, no Centro de Conferências Joaquim Chissano, “Love experience” aposta em convidados de Luxo como: Nelson Freitas, Pérola, Pika Tembe, Tamyris Moiane, Mc Lena de Sousa e o Dj DrKapa. **DIAS 13 E 14 DE FEVEREIRO**

EUROPA

ARTES

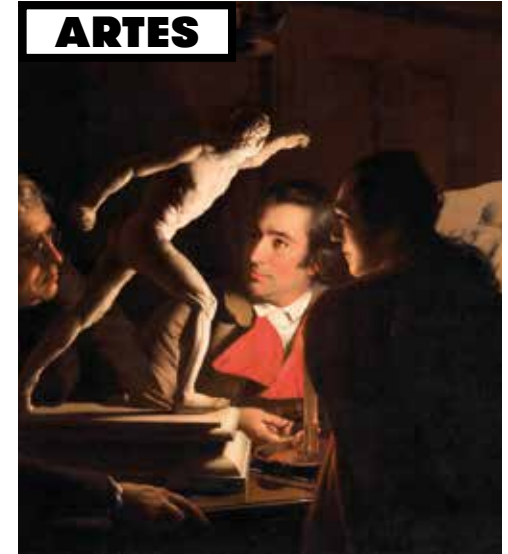
Turner & Constable Tate Britain, Londres

Dois dos maiores pintores da Grã-Bretanha, J.M.W. Turner e John Constable, foram também os maiores rivais. Os críticos de arte da época compararam as suas pinturas a um choque entre “fogo e água”. Os dois pintores disputavam o sucesso por meio de abordagens muito diferentes, mas igualmente ousadas, no competitivo mundo da arte paisagística. Turner pintou pores do sol deslumbrantes e cenas sublimes das suas viagens, enquanto Constable fazia, frequentemente, representações de alguns lugares queridos. Esta exposição histórica explora as vidas e legados de Turner e Constable, através de muitas das maiores obras dos artistas, com mais de 170 pinturas e trabalhos em papel.

ATÉ 12 DE ABRIL



ARTES



Wright de Derby: Das Sombras National Gallery, Londres

Num jogo de luz e sombra, Joseph Wright de Derby evoca imagens sublimes de descoberta e aprendizagem. Esta é a primeira grande exposição dedicada às pinturas à luz de velas do artista britânico. Celebram-se e revisitam-se as suas obras mais admiradas. Rostos iluminados reúnem-se em torno de uma variedade de objetos. Através das suas cenas incisivas de pessoas que observam, Wright de Derby propõe questões morais sobre o ato de olhar. A luz intensa e as sombras profundas criam um efeito dramático, remetendo-nos a grandes pintores de séculos anteriores, como Caravaggio.

ATÉ 10 DE MAIO

PARA LER



O Círculo dos Dias Ken Follett

Seft é um mineiro experiente, que atravessa a árida Grande Planície, para assistir aos rituais que marcam o início de um novo ano e, acima de tudo, encontrar Neen, a jovem por quem se apaixonou. Joia, irmã de Neen, é uma sacerdotisa que, desde criança, sonha com a construção de um milagroso círculo de pedras durante a cerimônia do Solstício de Verão. A visão de Joia inspira Seft, que se compromete a realizar o monumento. Mas o que começou como uma visão inspiradora depressa se torna uma corrida contra o tempo e um conflito violento. Ken Follett, regressa com uma obra épica e arrebatadora, e convida-nos a mergulhar num dos maiores mistérios da História: Stonehenge.

A montanha José Luís Peixoto

Este é um romance habitado por homens e mulheres de várias idades, com origem em diversos contextos, de Moçambique à Venezuela, de Ponte de Lima a Oliveira de Azeméis, que têm em comum a sua condição de pacientes no IPO do Porto. Um escritor viaja pelo mundo e, nesse turbilhão, tenta construir um romance com todas as histórias que lhe foram confiadas, até que o impensável acontece. Do hiper-realismo, documental e autobiográfico, ao surrealismo, à alucinação e ao delírio, “A Montanha” é um romance de enorme ambição, que resgata momentos de profunda empatia e ternura, que revela o ser humano tanto na sua fragilidade como na sua máxima força.



Dubai

O Dubai é a joia da coroa dos Emirados Árabes Unidos. Conhecido pela sua arquitetura moderna, vanguardista e luxosa, é uma cidade onde tudo é “à grande” e é impossível não ficarmos deslumbrados pelas megalômanas obras de engenharia. Mas o Dubai é feito de contrastes, desde logo, entre os arranha-céus e a enorme extensão de deserto. No que respeita a tradições, a cidade velha é o local ideal para compreender as raízes culturais do Dubai, antes do “boom” do petróleo. As ruas estreitas dos bairros históricos, com casas típicas e souks tradicionais, ainda despertam memórias da cidade antiga, assim como o bairro Al Fahidi; a Grande Mesquita; as margens do Dubai Creek; o Grand Souk Bur Dubai e ainda o Museu do Dubai, instalado na fortaleza, o edifício mais antigo da cidade.

Já o Dubai moderno é absolutamente surpreendente. Um dos marcos é a Dubai Frame, uma moldura gigante que tem um miradouro no topo. O Museu do Futuro, um dos edifícios mais futuristas do mundo, combina ciência, design e tecnologia revolucionária. Depois há o colossal Dubai Mall, com mais de 1200 lojas de classe mundial, que é o lar do Aquário do Dubai, com um enorme túnel de vidro que nos permite ficar cara a cara com tubarões e centenas de outras espécies marinhas. Mas o mais icónico símbolo da cidade é o Burj Khalifa, o edifício mais alto do mundo, que proporciona uma verdadeira experiência de vida, ao subir aos seus miradouros, com vistas de 360° de tirar o fôlego. Ao final da tarde, assistir ao espetáculo das Fontes Dançantes vale também muito a pena.

VIAGEM

por Cátia Teixeira



B
Betar

DESDE 1973 NA VANGUARDA
DA ENGENHARIA

Edifício na Rua dos Fanqueiros 197, Lisboa